

**TANIA  
MARTUSCELLI**

---

**[Des]Conexões  
entre Portugal e o Brasil  
Séculos XIX e XX**



**Edições Colibri**

# ÍNDICE

<b>PREFÁCIO</b> .....	11
-----------------------	----

## PARTE I

### **Nacionalismo e Republicanismo no Brasil e em Portugal**

O Imaginário de “País Novo” .....	17
O Imaginário de Paris .....	25
O Luso-Brasileiro .....	33
A República de Cá e de Lá .....	37
O Percurso da Figura de Eça de Queirós no Brasil .....	43
<i>A Belle Époque</i> Cá e Lá .....	63
O Projeto Luso-Brasileiro e o Terceiro Espaço das Revistas Pré-Modernistas .....	71

## PARTE II

### **Os *ismos* na Modernidade Luso-Brasileira**

Os de <i>Orpheu</i> e os da Semana Cá e Lá .....	93
<i>A presença</i> e o Neo-Realismo .....	125
<i>Atlântico</i> – Revista Luso-Brasileira (1942-1950) .....	139
Ainda na Esteira Modernista: António Pedro no Brasil .....	147
Do Modernismo e do Surrealismo .....	161
Do Concretismo e da <i>Po.Ex.</i> .....	169
<b>CONCLUSÃO</b> .....	185
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	195

## PREFÁCIO

Cada vez mais tem-se abordado nossos tempos de globalização por via da discussão do apagamento de fronteiras e, conseqüentemente, do câmbio cognitivo e identitário das sociedades. Mais veemente, hoje, é o caso dos países da Europa que, para além do fenómeno da globalização num âmbito de perspectivas de mercado, passou também por uma reorganização política e, portanto, de modo menos abstrato e mais concreto, por uma reunião, em princípio híbrida, no terceiro espaço da Comunidade Europeia. Daí surgirem estudos de identidade, de espaço e lugar no âmbito da sociologia, economia, ciências políticas, antropologia, literatura, etc., de modo a buscar uma nova definição para a ideia de autonomia, ou de “sobrevivência da cultura,” como Homi Bhabha nomeia esse fenómeno (1998: 239). Tal necessidade de sobrevivência se dá porque não é equilibrada a participação ou a representação sociocultural – e política – dos países. Como se vê no recente caso britânico, que escolheu deixar de ser parte da Comunidade, é bastante problemática a *união*.

Tais questões de sobrevivência cultural não são, porém, novas. Desde tempos de expansão marítima pode-se aventar a globalização e o hibridismo, ainda que num contexto político e histórico colonial, diverso do nosso contemporâneo. Em tempos pós-coloniais tal discussão volta à tona e com ainda mais força, uma vez que os antigos territórios dominados passam a ter de afirmar sua autonomia em diversos campos: desde a política e a economia, até a cultura e a sociedade. Em cada um desses momentos de passado colonial, pós-colonial e de um presente *hipermoderno*, a representação cultural das forças acumuladas, mas desequilibradas, pode ser revista.

Os estudos de Homi Bhabha foram inaugurais na questão da revisão da tradição sociocultural no pós-colonialismo. O presente trabalho propõe uma discussão no âmbito dos estudos culturais, que segue a esteira promulgada pelo célebre teorizador acerca do terceiro espaço da enunciação, tomado nesse contexto como “lugar híbrido do valor cultural (...) [em] que o intelectual pós-colonial tenta elaborar um projeto histórico e literário” (243). É esta, justamente, a proposta de *(Des)Conexões entre Portugal e o Brasil*. Busca-se aqui pensar a relação entre os dois países a partir de exemplos concretos da cultura que percorrem os séculos XIX e XX no terceiro espaço das revistas, jornais e cartas. Enfatizam-se momentos específicos que principiam com a Independência do Brasil (1822) até

meados do século XX, por via do fenómeno das neovanguardas, como, por exemplo, o concretismo e a Poesia Experimental. Ao utilizar o conceito e o contexto do *terceiro espaço da enunciação* das revistas e jornais, das cartas trocadas entres intelectuais de cá e de lá, das reuniões de artistas que culminaram em projetos comuns, propõe-se revisitar a história e a literatura por meio de seus bastidores e lidar com a presença cultural brasileira entre os portugueses.

Não se limita, contudo, o imaginário social (híbrido) aos séculos XIX e XX. Pode-se verificar no nosso século XXI de um modo aparentemente radical a dinâmica da visão hierarquizada dentro das sociedades que é fruto de uma mudança de parâmetros do que é hoje entendido por caos e ordem. Essa discussão concluirá o presente estudo, ao passo que procurar-se-á demonstrar uma conexão com os factos históricos. Pensem-se em movimentos artísticos do mundo falante de português que, ainda que considerados de “classes perigosas” – terminologia apresentada por Boaventura Sousa Santos para definir a opressão social contra mulheres, crianças, transgêneros, negros, pobres e outros marginalizados –, modificam o imaginário sociocultural: o *funk ostentação* carioca é um híbrido da cultura materialista e classista da classe média brasileira; o *kuduro* é marca de ritmo e dança surgido nos musseques e que hoje tem reconhecimento internacional enquanto movimento cultural angolano (como um todo); a *street art* portuguesa e brasileira são levadas aos museus, como é o caso do *grafitti* de Vihils ou de Os Gêmeos, por exemplo; a literatura marginal periférica brasileira foi trazida para a academia de modo que mudou os parâmetros de análise da crítica literária tradicional. Movimentos como esses acabam por transformar a identidade local e nacional por via do inconformismo com a cultura da opressão. E movimentos contracorrente sempre existiram em nossa sociedade.

Talvez seja de interesse apresentar outra conexão mais mundana do imaginário de hoje em dia feita por via imediatista que é a da televisão – comparável, em princípios do século XX, com o cinema francês e, mais tarde, substituído pelo universo midiático de Hollywood, o que fez com que se criasse uma nova hegemonia cultural. Cumprindo o papel imperativo da cultura, o Brasil, exportador de suas telenovelas – no presente caso, a Portugal – é um exemplo diário da aproximação cultural, técnica (pois há ainda o intercâmbio de *fazedores* de novelas, de *cameramen*, a atores) e linguística, para além de certos costumes que, descontextualizados do ambiente novelesco em que aparecem estereotipados, vão alimentar o “mito social.” Esse mito dá ao brasileiro imigrante no país o estigma de ganancioso e desonesto, por exemplo. Numa ponte com os estudos académicos, refira-se ao trabalho de Elza Miné, “Os óculos latino-americanos e o monóculo europeu: Manuel Bandeira e Eça de

Queirós,” no momento em que compara nossos tempos com o século XIX, referindo-se à “aproximação e construção *mútua*” de imagens. Escreve a estudiosa: “[s]e hoje a globalização midiática institui e redimensiona diferentes formas de aproximação e construção mútua de imagens, ao tempo de Eça de Queirós, para que se processasse alguma interação desse tipo, ou ocorria o contato direto com novos contextos, através de viagens, ou então, jornais e revistas, muitas delas ilustradas, davam a ler/ver imagens do ‘outro,’ imagens estas, por sua vez, resultado de olhares e representações, quer livrescamente construídas, quer decorrentes da experiência concreta (...)” (2008: 156).

Pode-se pensar, inclusive, que a falta de uma hegemonia midiática de Portugal no Brasil faz com que o imaginário do português no país sul-americano se dê pelos estereótipos construídos e constituídos ao longo da história comum entre os dois países. Mencionem-se aqueles estereótipos dos tempos do próprio Eça de Queirós, *Farpas* incluídas, que, ainda que diluídas, encontram entre os populares de hoje seus resquícios. Tais encontros e desencontros culturais, delimitados entre os séculos XIX e XX serão aqui discutidos. Por isso, como já se referiu, não são os dados da cultura contemporânea o propósito desse livro, ainda que o passado seja raiz de nosso presente.

Quer-se, neste caso, no contra-fluxo dos já existentes estudos sobretudo de literatura, sociologia e história, pensar sobre o modo como a cultura brasileira se faz presente também no contexto português. Procurou-se apresentar a noção de hibridismo cultural entre pares, não entre “colonizador e colonizado,” mas *do outro lado do espelho*, por assim dizer. O terceiro espaço eleito – que inclui publicações periódicas, textos de escritores, artistas, bem como algumas epístolas – denota o *entre-lugar* onde se unem o (tradicional, historicamente visto como) oprimido e o (tradicional, historicamente visto como) opressor, ambos, porém, livres de tal carga pesada, livres de sua *angústia de origem*, para voltar a referir o trabalho de Bhabha, e apoderados, cada um, de sua autonomia.

Não inibe, todavia, este estudo, o leitor ou a leitora de fazer suas próprias *(des)conexões* culturais, uma vez que são diversos os exemplos de encontros e desencontros, de imigrantes e emigrantes, de colaboradores e de apreciadores do lado de cá e de lá da cultura nesse espaço social, literário, artístico e histórico luso-brasileiro. Os exemplos e análises aqui presentes estão longe de abarcar toda a discussão, mas podem ser assumidos como elementos que incitam os leitores e as leitoras a adentrarem nesse universo híbrido e relerem nossos clássicos de um modo mais abrangedor, mais conectado, uma vez que a relação de *(des)conexão* entre portugueses e brasileiros não começou com a globalização neo-liberal, mas sim há mais de 500 anos.